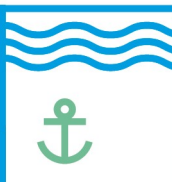


INTERNACIONALIZAR
+ ALGARVE
TURISMO



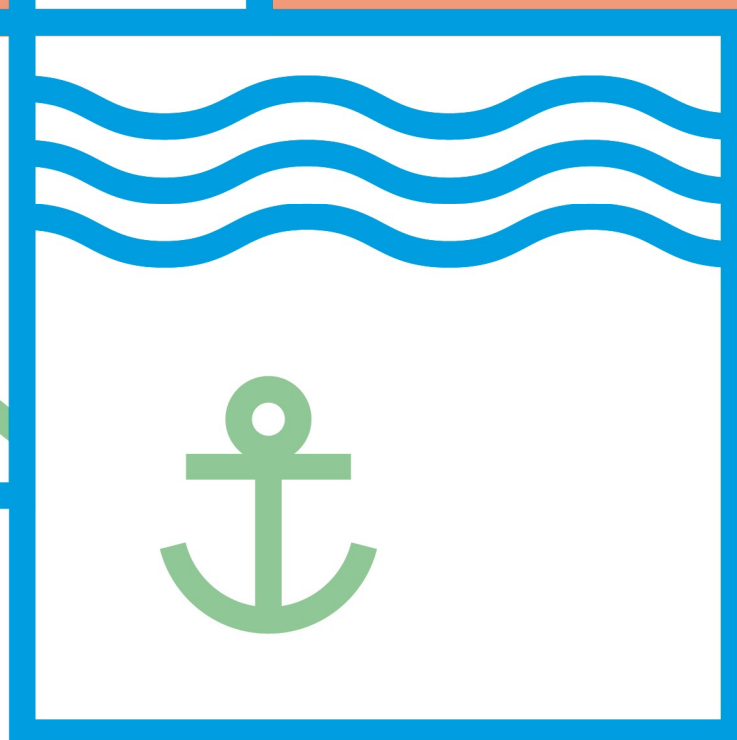
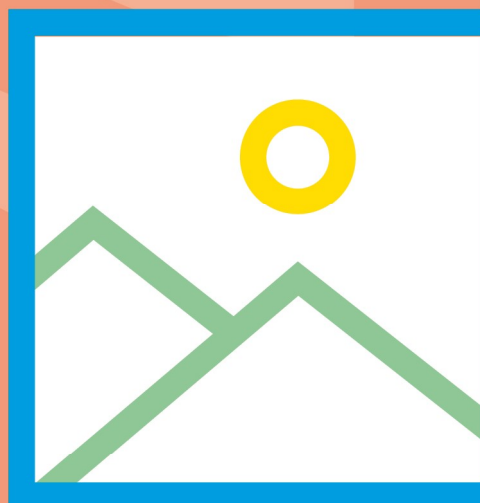
NÁUTICO



NATUREZA



DESPORTIVO



II. A ECONOMIA DO REINO UNIDO



II. A ECONOMIA DO REINO UNIDO

II.1. Síntese

A economia do Reino Unido encolheu 5,2% com a saída da União Europeia, traduzindo um impacto de cerca de 31 mil milhões de libras (35,3 mil milhões de euros), segundo um relatório do *think tank* Centre for European Reform (CER).

O Reino Unido saiu definitivamente do bloco comunitário em 01 de janeiro de 2021, em plena pandemia, pelo que para os economistas se torna difícil dissociar os efeitos causados pelo *Brexit* das medidas contra a doença Covid-19, lê-se no documento.

Para isolar o impacto do *Brexit*, investigadores do CER compararam a evolução do produto interno bruto (PIB) britânico com a de um grupo de países, Estados Unidos, Alemanha, Nova Zelândia, Noruega e Austrália, cuja economia se comportava de forma semelhante à do Reino Unido antes de 2016, quando se realizou o referendo sobre a saída ou não da União Europeia.

Na sua análise, o CER conclui que o PIB britânico caiu substancialmente abaixo dos valores daqueles países, quando se iniciou a pandemia e, embora tenha rapidamente recuperado, ficou 5,2% abaixo dessas economias

O *think tank* sublinha ainda que entre 2016 e a chegada da pandemia Covid-19, a economia do Reino Unido já tinha perdido 2,9%, dado que o investimento começou a diminuir a seguir à realização do referendo.

De acordo com o modelo CER, o investimento no Reino Unido caiu 13,7% desde 2016, enquanto o comércio de mercadorias, exportações e importações, diminuiu 13,6%.

O impacto do *Brexit* na inflação, por outro lado, é pequeno em comparação com a alta dos preços globais de produtos manufaturados, energia e matérias-primas.

O fim da livre circulação de trabalhadores entre o Reino Unido e a União Europeia impactou o mercado de trabalho britânico, embora o relatório ressalte que o número de funcionários que ficaram inativos durante a pandemia teve um efeito mais importante nos problemas de recrutamento de novos trabalhadores pelas empresas.

Fonte: Centre for European Reform

Entretanto, no final do último mês de setembro, o governo do Reino Unido apresentou um miniorçamento para estimular a economia, mas os efeitos do anúncio ficaram longe do esperado.

A libra esterlina caiu a pique e atingiu o valor mais baixo de sempre face ao dólar, apesar de já ter recuperado ligeiramente.

Os juros da dívida pública não pararam de aumentar – de 1% no mês de janeiro, subiram acima de 4%, um valor preocupante, sobretudo tendo em conta que o plano do Governo previa que a descida dos impostos fosse compensada com o recurso ao crédito, o que aumenta o défice público.

Foi a maior redução de impostos dos últimos 50 anos: do IRS, ao IRC, passando pelo imposto de selo para quem compra casa.

Tudo com o objetivo de estimular a economia.

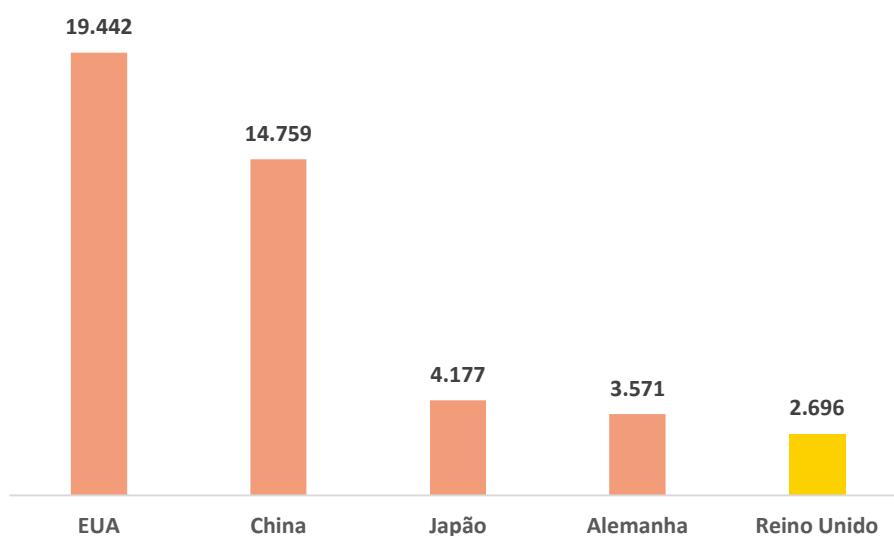
A intenção podia ser boa, mas a resposta dos mercados fez soar os alarmes: a libra caiu a pique.

Menos de um mês depois (outubro) e com um novo ministro das finanças, o governo reverte quase todas as medidas anunciadas em setembro e os mercados de capitais parecem reagir de forma positiva tal reversão.

II.2. Macroeconomia

Em 2021, o Reino Unido foi a 5ª maior economia do mundo:

Gráfico 1 - A Economia do Reino Unido no contexto mundial; 2021

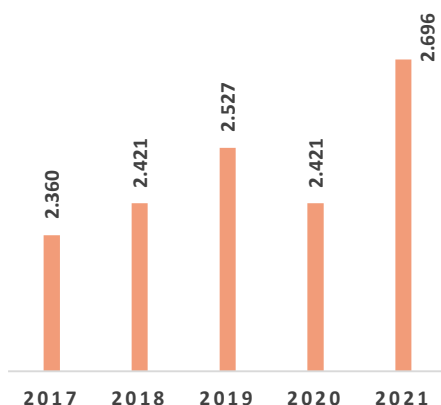


Unidade: Milhar de Milhão €

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de countryeconomy.com

Entre 2017 e 2021, foi a seguinte a evolução do PIB do Reino Unido:

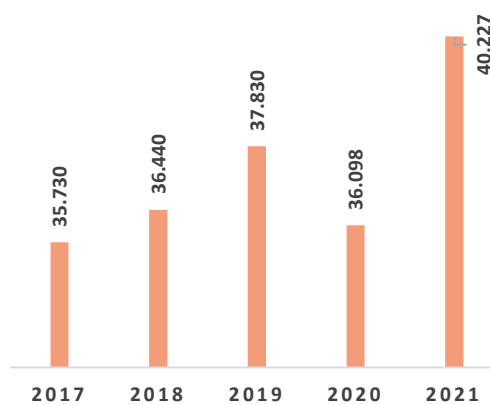
Gráfico 2 - Evolução do PIB do Reino Unido; 2017/2021



Unidade: Milhar de Milhão €
 Fonte: elaboração própria a partir de dados de countryeconomy.com

Entre 2017 e 2021, foi a seguinte a evolução do PIB *per capita* do Reino Unido

Gráfico 3 - Evolução do PIB *per capita* do Reino Unido; 2017/2021



Unidade: Euro
 Fonte: elaboração própria a partir de dados de countryeconomy.com

O setor agrícola do Reino Unido responde por cerca de 0,6% do PIB e emprega 1% da força de trabalho (Banco Mundial), mas é muito produtivo já que consegue produzir o suficiente para atender cerca de 60% de sua procura de alimentos. Os principais produtos cultivados são batatas, beterrabas, trigo e cevada.

A pecuária (especialmente ovinos e bovinos) continua a ser uma atividade importante. O setor de pesca também é muito desenvolvido, mas sofre, atualmente, com a diminuição do volume de peixe nas áreas tradicionais de pesca (o assunto foi uma questão fundamental do acordo comercial concluído com a UE, que afirma que o Reino Unido terá o direito de excluir por completo os barcos da UE após 2026). De acordo com os últimos dados do Escritório Nacional de Estatísticas (ONS), a área agrícola utilizada em 2020 foi de 8,8 milhões de hectares.

A receita total da agricultura do país em 2020 foi de GBP 5 121 milhões (6 145 mil milhões €).

O Reino Unido é um dos maiores países produtores de bens, sendo o setor aeroespacial civil e militar e as indústrias farmacêuticas de particular importância e tem recursos minerais consideráveis, tendo ocupado outrora o 10º lugar da lista de maiores produtores de petróleo do mundo. Possui enormes reservas de gás natural, mas sua produção está a cair rapidamente. No entanto, grupos como British Petroleum (BP) continuam entre os líderes mundiais da indústria de petróleo. O setor secundário não é muito competitivo, principalmente por causa de sua produtividade baixa, representando 17% do PIB

e empregando 18,1% da força de trabalho. As suas atividades principais são máquinas ferramentas, material de transporte e produtos químicos.

Os setores com bom potencial são: tecnologias de informação e comunicação, biotecnologia, aeronáutica, defesa e energias renováveis. Em 2020 a produção manufatureira registou 9,6% da produção económica total do Reino Unido (como consequência da crise da COVID-19, a produção caiu 8,6% em relação a 2019, com a produção manufatureira a cair 9,9%). Mesmo com o *Brexit*, Londres continua a ser o maior mercado financeiro da Europa, em pé de igualdade com Nova York e também é sede de muitas multinacionais. O setor bancário é extremamente dinâmico, assim como o setor de turismo que é responsável por 10% do PIB. No entanto, o setor terciário não foi exceção à crise provocada pela pandemia, com a produção total de serviços permanecendo, em outubro de 2020, 8,9% abaixo do nível registado no ano anterior.

Existem mais de 370 instituições financeiras monetárias no Reino Unido, com pouco menos da metade do balanço do setor (49,7%) em GBP, 18,4% em EUR e 31,9% em outras moedas (Federação Bancária Europeia).

Fonte: Santander Trade Markets, 2021

II.3. Perspetivas Económicas

II.3.1. Impacto do Brexit no Turismo português

Em 2019 foi o primeiro mercado em receitas, o primeiro em dormidas e o segundo em hóspedes, logo atrás de Espanha. E, em 2020, apesar de todos os condicionalismos e vicissitudes, o Reino Unido posicionou-se em primeiro lugar no que se refere a dormidas (16,3%), em terceiro no número de hóspedes (11,5%) e em segundo quanto a receitas turísticas.

Face a 2019, e tendo em conta a conjuntura de confinamento geral, os indicadores sofreram, naturalmente, um acentuado decréscimo: nos hóspedes (menos 80,2%), nas dormidas (menos 81,9%) e nas receitas (menos 63,0%). Estes números são particularmente relevantes se se levar em conta o facto de que, em fevereiro de 2020, o Reino Unido apresentava já índices de crescimento deveras significativos para esse ano: mais 5,5% em hóspedes, mais 3,2% em dormidas e mais 7,7% em receita (YoY fevereiro 2020).

Estes resultados indiciam, sem margem para dúvida, a importância que este mercado detém no contexto económico do turismo nacional.

Assim, a expectativa e a importância associada ao Brexit (num processo que teve o seu início em junho de 2016) não pode deixar de ser levada em conta. Isto apesar de os maiores receios e incertezas que lhe estão associados, terem sido de algum modo mitigados e/ou adiados por um desafio ainda maior – as restrições a que, por força da pandemia, todos os países estiveram sujeitos, tendo sido impostos limites quase totais à circulação de pessoas. Entrados numa nova fase e à luz do que poderá ser a realidade dos próximos meses, com o eventual atenuar da conjuntura pandémica, o Brexit volta a congregar alguma atenção.

Apresentado a 22 de fevereiro último o *roadmap* do Reino Unido para a saída do confinamento, a par do número crescente de vacinados (31 523 010 na 1ª dose e 5 381 745 na 2ª dose à data de 4 abril), continua a ser visível a grande expectativa que a população britânica tem relativamente ao verão e à possibilidade de viajar.

Esta expectativa assenta, ainda, na estimativa de que, a 15 de abril, 32 milhões de pessoas estavam vacinadas (com a 1ª dose), significando que, a 15 de julho, estas mesmas pessoas estarão integralmente vacinadas. Espera-se que esta meta possa ser atingida em data anterior à prevista, sendo esta previsão corroborada pelo número de reservas de viagens que o setor regista e as quais apontam o final de julho como data a partir da qual começa a haver uma maior concentração de reservas, à qual se aliam maiores níveis de confiança.

Todavia, este movimento não se cinge apenas a turistas. Envolve, também, residentes, imigrantes ou pessoas que viajam em negócio.

Perante esta realidade que esperamos seja viável a breve trecho, são retomadas as questões que já tinham sido objeto de longa discussão e de profundo debate no setor do Turismo (e não só):

- quais os impactos do Brexit?
- Que desafios se apresentam aos nossos agentes económicos, dentro e fora da atividade turística?
- Que oportunidades se apresentam?

Se refletirmos no modo como a pandemia veio acentuar e salientar, de forma mais premente, o peso que o setor do turismo tem na economia nacional, na sua transversalidade (em ligação com uma multiplicidade de áreas/serviços como transportes, fronteiras, saúde, cultura, diplomacia, indústria, educação, etc.) e na absoluta necessidade de comunicação e correlação entre as mesmas, será correto afirmar que estamos hoje mais bem preparados para um Brexit. Por força das circunstâncias,

atualmente o turista britânico relaciona de forma mais direta a interligação funcional dos destinos, hotéis, aeroportos, aviões.

Com efeito, desde há alguns anos a esta parte, nem todas as questões dos turistas ingleses tocam ou são, na sua essência, Turismo. Fazem, contudo, parte do seu processo intrínseco, mas estão também inquestionavelmente ligadas a outras áreas de atividade:

- Terei necessidade de um visto?
- Quanto tempo poderei estar num país da UE como turista?
- Qual a validade que o meu passaporte deve ter?
- Haverá um mecanismo rápido de leitura do passaporte ou terei de estar em filas?
- A minha carta de condução é válida e até quando?
- Como se autoriza legalmente a permanência de trabalhadores sazonais de turismo? Poderei levar o meu animal de estimação comigo?
- Sou estudante, que direitos e como poderei permanecer em Portugal?
- Poderei usufruir de “*tax free*”, como se processa?
- Após janeiro de 2021, poderei aceder ao sistema nacional de saúde em Portugal?
- Quanto terei de pagar?

A estas questões, meramente exemplificativas, acrescem ainda muitas outras colocadas pelos residentes britânicos em Portugal. Também eles dando conta de aspetos pertinentes com que seriam confrontados no decurso desta viragem.

Há já alguns anos o governo português tem encetado diligências para que todas estas questões possam ter resposta. Ouvindo, concertando os diversos setores e organismos, Turismo incluído, para que todas estas questões encontrassem o necessário enquadramento legal, daí resultando medidas claras e com a fluidez necessária, visando a simplificação e compreensão de todos os processos.

Parte das nossas oportunidades residem, efetivamente, nesta interligação e num trabalho conjunto em prol de objetivos que convirjam na minimização das consequências nefastas de um Brexit, congregando uma *seamless experience* do turista inglês em Portugal.

No sentido de passar uma mensagem positiva, sensibilizando os agentes do setor no mercado Reino Unido e a imprensa britânica para o facto de tudo estar a ser feito para simplificar o processo em curso, e que o país estava de braços abertos para receber os turistas britânicos, o Turismo de Portugal lançou a campanha Brelcome, dedicada ao turista britânico. Com esta campanha, que imediatamente teve uma resposta muito positiva por parte dos parceiros, dos turistas (e até da concorrência), o Turismo



de Portugal conseguiu, de forma efetiva, passar uma mensagem positiva, de articulação interna, de inovação, criatividade, reiterando a importância deste mercado para Portugal.

As oportunidades não são apenas estas. Elas interligam-se com as medidas adotadas para dar uma cabal resposta a estas matérias e com o mínimo de disrupção possível, mas passam também pelo modo como nos continuaremos a posicionar enquanto destino turístico inovador, transformador, moderno e arrojado, mantendo, em simultâneo, os atributos e elementos identitários que tão bem nos caracterizam: a autenticidade e o foco permanente nas pessoas. Tendo em conta a operação aérea instalada desde há longa data, a preferência demonstrada por operadores turísticos pelo destino Portugal (até 2019 entre 4ª preferência destino, ou 5ª posição em dormidas – cfr. estudo Deloitte + Travelweekly) acreditamos que este mercado emissor continue a ter uma enorme relevância para o nosso país, sobretudo ao nível das receitas turísticas geradas, embora com pesos distintos na esfera regional.

As efetivas reservas que o turista britânico tem realizado desde 22 de fevereiro, se por um lado demonstram resiliência e ausência de receio – que aliás acompanha o seu comportamento neste que é já o primeiro ano de pandemia –, por outro são acompanhadas de uma escolha criteriosa, baseada na flexibilidade das mesmas e na confiança do destino.

E para garantir, assegurar e manter esses níveis de confiança, o Turismo de Portugal lançou, em 2020, o Selo *Clean & Safe*. Esta medida, articulada com a Confederação do Turismo de Portugal (CTP) e com contributos de outras associações do setor, procura sensibilizar os empreendimentos para os procedimentos mínimos a adotar e incentivar a retoma do setor do turismo a nível nacional e internacional, reforçando a confiança de todos no destino Portugal e nos seus recursos turísticos.

A forma clara com que foi implementado, a sua transversalidade e, mais uma vez, a interligação entre as diversas áreas (empreendimentos turísticos, museus, guias intérpretes, alojamento local, motoristas de turismo, áreas de serviço para autocaravanas, recintos de espetáculos ou centros de ciência viva) veio, mais uma vez, transmitir interna e externamente a nossa capacidade de liderança, inovação e da forma como estamos preparados para, em segurança e com confiança, sermos o destino turístico escolhido.

São estas premissas que muito têm contribuído para aumentar a nossa visibilidade como país e como marca, aliado aos atributos intrínsecos da nossa diversificada oferta e que são fatores decisivos na escolha de um destino para férias, como, por exemplo, no caso dos destinos *short haul* (Europa). Todos estes fatores influem: a qualidade da oferta, os procedimentos operacionais claros, a hospitalidade e

as boas experiências anteriormente tidas no destino, fazem-nos acreditar que Portugal continuará a ser escolhido como destino de férias.

É necessário dar continuidade ao trabalho promocional, aumentar a nossa visibilidade, reduzir a sazonalidade, proporcionar formação contínua aos profissionais do turismo, sensibilizar operadores e jornalistas para a diversidade de recursos que Portugal tem para oferecer.

Olhando de uma forma ainda mais integrada e com mais alcance da experiência turística, tantas vezes recebemos, e com tanto agrado, o feedback de parceiros ou de particulares, relatando que, durante uma viagem de negócios, aquando da participação num evento ou numa mera experiência de férias, selecionaram Portugal como futuro destino para estudar, trabalhar, viver ou gozar o período de reforma.

Por todos estes motivos, acreditamos que Portugal continuará a ser um destino turístico escolhido pelos britânicos. Os esforços envidados por todos para que o Brexit seja um processo fluído apontam nesse caminho

Fonte: AICEP, maio 2021

II.3.2. Para o Reino Unido

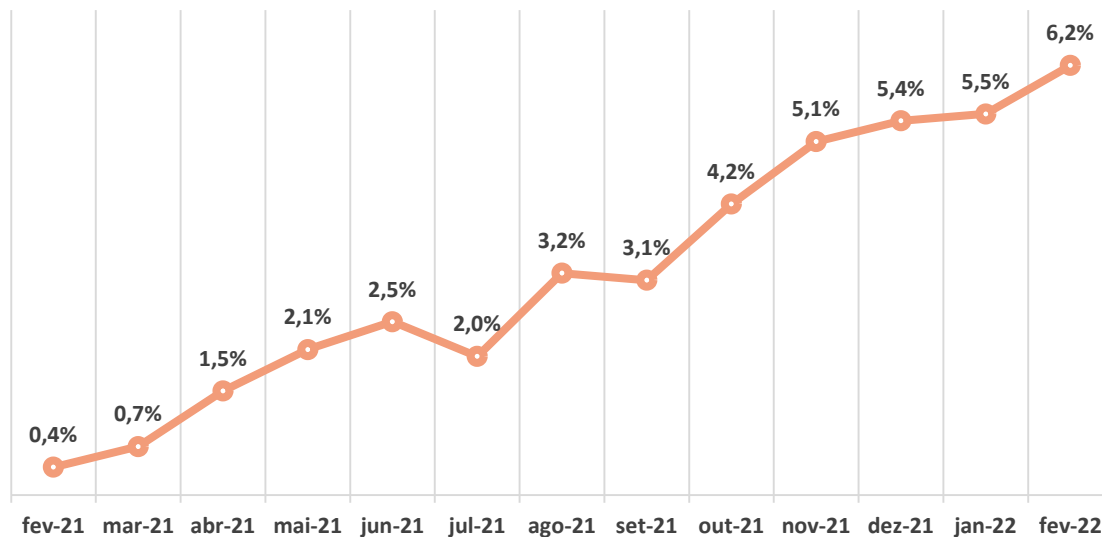
Tabela 1 - Perspetivas económicas para o Reino Unido; 2022/2023

Indicadores Económicos	2022	2023
	%	
Variação PIB	3,6	0,0
Inflação	10,0	4,7
Variação exportações de bens e serviços	0,9	1,5
Variação importações de bens e serviços	15,7	3,6
Dívida Pública (em % do PIB)	139,2	138,6

Fonte: OECD, Economic Outlook, 10.2022

Porém, a inflação no Reino Unido sobe. Entre fevereiro de 2021 e fevereiro de 2022, é a seguinte a evolução da inflação:

Gráfico 4 - Inflação, fevereiro 2021 a fevereiro 2022; Reino Unido



Nota: comparação com o mesmo mês do ano anterior

Fonte: elaboração própria a partir de dados de Office for National Statistics (UK); Statista